

Nos EUA, eleição de Clinton assinala o princípio da mudança

Uma política industrial formulada pelo Governo americano pareceria, tempos atrás, uma heresia. Quando, em abril, a revista "Business Week" fez uma reportagem de capa chamando a atenção para esta necessidade, começou-se a perceber que alguma coisa estava mudando. Quando Bill Clinton foi eleito, defendendo uma política de crescimento e de defesa do emprego, ficou claro que a mudança é inevitável.

O que é preciso entender direitamente é o que significa um Estado mais ativo na economia americana. A idéia parece velha mas é novíssima, porque baseada em modernos conceitos do que é prioridade.

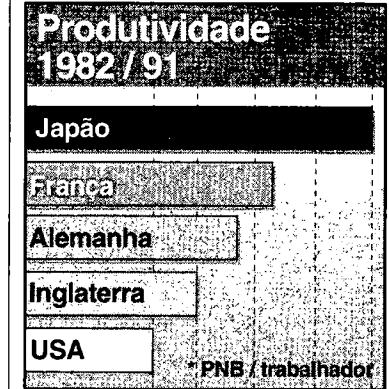
Clinton prometeu investir em "rodovias inteligentes", idéia que no Brasil foi defendida pelo ex-ministro Eliezer Batista, mas que pouca gente entendeu. A revista "Technology Review", do Massachusetts Institute of Technology, trouxe recentemente uma longa reportagem sobre o assunto. Utilizando toda uma coleção de modernas tecnologias, a estrada deixa de ser uma infraestrutura passiva para se tornar um local em que tudo acontece de forma sincronizada e previsível. Como vantagem, diminuem custos empresariais e aumenta a competitividade industrial.

Clinton prometeu também montar uma rede de alta velocidade de transmissão de informação — uma malha de cabos de fibra ótica, ligado a comutadores digitais, que permitirão integrar bancos de dados públicos e privados do país.

Este admirável mundo novo tem como defensor o especialista em competitividade industrial Michael Porter. Para ele, agora não adianta a um país ser grande em extensão territorial ou ter

Editoria de Arte

Ficando para trás



abundantes recursos naturais e mesmo capitais. O grau de competitividade será dado pelo acesso aos novos conhecimentos.

Por isso, o Governo americano se prepara para investir, ou apoiar quem queira investir, em pesquisa e desenvolvimento. A preocupação é que o país está perdendo a corrida da competitividade para Japão e Alemanha (veja gráficos), principalmente porque tem investido menos em P&D. No ano passado, os EUA investiram 1,9% do PNB em P&D não militar. O Japão, 3%.

As novas tecnologias (biotecnologia, computadores e químicos) não apenas alimentam sonhos de grandeza como são um bom negócio. Em 91, os Estados Unidos tiveram nesta área um superávit comercial de US\$ 37 bilhões. Nos setores tradicionais, houve um déficit de US\$ 120 bilhões. Além disso, significam melhoria de vida para os trabalhadores americanos: o salário nestas áreas é 22% mais alto que

a média na indústria em geral.

Estudos mostram que a maioria das 350 mil pequenas empresas americanas está tecnologicamente defasada. O cientista político do MIT Charles Sabel afirma que 85% dos problemas que elas enfrentam decorrem de práticas industriais desatualizadas. A saída seria o setor público investir mais em centros de extensão tecnológico, que dão apoio às pequenas empresas. Em 1991, os EUA gastaram US\$ 50 milhões com 27 centros. O Japão gastou US\$ 500 milhões com projetos semelhantes.

Há ainda quem defenda o aumento do financiamento ao comércio exterior. Apenas em promoção comercial, a França gasta US\$ 4 per capita e o Japão US\$ 5, contra US\$ 0,50 nos EUA.

A nova agenda de crescimento, avisa a "Business Week", não será barata, mas como tem reflexo na melhoria do padrão de vida da população, é o melhor investimento que a América pode fazer em si mesma.